

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



2. 823
52

ASSIGNATURAS : CÔRTE.	
ANNO	8\$000
SEMESTRE	4\$000
TRIMESTRE	2\$500

PROPRIETARIOS	
ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO	
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARÃES	

ASSIGNATURAS : PROVINCIAS.	
ANNO	9\$000
SEMESTRE	5\$000
TRIMESTRE	3\$000

As assignaturas são pagas adiantadas. Avulso 200 rs.

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia—RUA DOS LATOZEIROS N. 34—e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadoza n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approved pela redacção.

ARCHIVO LITTERARIO

Damião de Góes.

Damião de Góes teve por pais a Ruy Dias de Góes, Izabel Limi, ambos igualmente nobres, elle descendente de Anião de Estrada, fidalgo asturiano, e ella de Nicolao de Limi, a quem pela sua reconhecida capacidade commetteo D. Izabel, filha de D. João I.º, e esposa de Filipe o Bom, duque de Borgonha, graves negocios que veio tratar a Portugal. Nasceo Damião de Góes na villa de Alemquer em 1501. Desde a tenra idade de nove annos assistio no palacio d'el-rei D. Manoel, de quem foi camareiro e guardaroupa.

Certificado el-rei D. João 3.º da summa capacidade e talentos de que era ornado Damião de Góes, o nomeou seu ministro para tratar negocios importantes com os reis Segismundo de Polonia, Frederico de Dimaquia e Gustavo de Suecia, os quaes elle concluiu com igual gloria do seu soberano, como immortal credito do seu talento. A suavidade de genio, perspicacia de juizo, eloquencia de frase, o fez querido dos mais illustres monarchas da Europa, assim como lhe grangeou a amizade dos maiores sabios do seu seculo. Depois de ter feito um largo circulo por toda a Europa, se transportou a Flandres, onde elegeo por domicilio a cidade de Lovaina, e alli a rogos do seu amigo André de Rezende se entregou ao trabalho da publicação das obras que tinha escripto. Sendo porém, esta cidade cer-

cada em o anno de 1542, pelo general Rossen, que commandava vinte e cinco mil francezes, foi tal a consternação de seus habitantes, que a maior parte delles desampararão as suas casas. Conhecendo porém, e senado os brios e espirito que animavão Damião de Góes, o elegerão capitão, e por seus adjuntos a Conrado, conde de Venemburgo, Filipe de Dorlay, Bailio de Brabant e Jorge de Rolya, senhor de Emery, o qual julgando a empreza difficilissima, não quiz tomar parte nella. Com um esquadrão de estudantes, que capitaneava Damião de Góes, determinou oppôr resistencia aos intentos do inimigo, que exigia dozentas mil corôas de oiro, e toda a artilharia e polvora que houvesse na cidade, pelo resgate do saque que ameaçara entrega-la. Estas proprostas havião quasi sido acceitas clandestinamente pelos sitiados, e Góes que o ignorava sahio ao campo, com o governador da cidade, Adrião Blehemo, a fim de conferenciar com o general francez, que tinha assignado o breve espaço de uma hora para a final resolução dos sitiados. Blehemo, voltou à cidade com a resposta, em quanto Góes ficou no campo francez, quando, sem ninguem o esperar, souo um grande estrondo de artilheria, disparadas dos muros, de que se seguiu consternação no exercito francez sitiador; e interpretando a seu general Longeval ser infracção das tregoas em que estava, voltou a sua coiera contra Damião de Góes, mandando-o preso para Vermandots, capital da Picardia, onde depois de padecer graves molestias, se resgatou da prisão por dous mil ducados de oiro.

Em o anno de 1538 se desposou Damião de Góes na Haya, com Joanna de Hargen filha de André de Argen, conselheiro do imperador Carlos 5.º, e, descendentes dos condes de Aremberg, Herue e Monfort. Teve diversos filhos deste consorcio entre estes André de Góes e Frutuoso de Góes, ambos mortos na infeliz batalha de Alcaçer; e Manoel de Góes, illustre monge de Cister, conhecido pelo nome de Frei Filipe de Sion.

(Continua.)

LITTERATURA

Gastão e Isabel.

O mancebo, que sabia muito bem que sua intriga amorosa com uma menina da gerarchia de D. Isabel, não poderia ficar por muito tempo em segredo, tinha formado o projecto de empregar toda a sua eloquencia para a decidir a fugir com elle, afim de se casarem: um padre já estava prevenido, uma carroagem prompta, e os dous esposos devião partir para França. Com estas idéas elle se dirigio á hora indicada a casa de D. Gusmão, e achou a porta aberta como lhe tinha annuciado Isabel. Mas, em lugar de encontrar a condescendente criada, encontrou quatro homens forçosos, que o agarrarão, e amararão, mettendo-lhe uma mordaca na boça para abafar seus gritos: uma carruagem puxada a quatro possantes mulas, o conduzio para fóra de Saragoça a todo o galope. Depois de ter corrido pelo espaço

de tres horas, parou a carroagem a porta de um castello cercado de fossos, no qual só se entrava por uma ponte levadica. D. Gastão, foi mettido n'um calabouço; e Pedrillo, que tinha presidido, essa execução, trouxe-lhe d'ahi a pouco um pão negro, e uma bilha d'agua desatou-o então, e tirou-lhe a mordaca. Logo que D. Gastão pôde fallar, lhe disse :

— « Amigo eu te conheço ; sei que fostes educado em casa de D. Gusmão, e por isso não te posso considerar como um servo, mas, sim como um mancebo, que brevemente deve servir nos exercitos de el-rei. Não ignoras, Pedrillo, que o meu nascimento me assegura um posto distincto, e que eu te posso ser util. Não pretendo corromper a fidelidade que deves ao pai de Isabel, mesmo quando se trata de uma aggressão injusta ; mas enquanto D. Gusmão tratava severa e injustamente sua filha, sempre te vi para ella submisso e respeitoso. Sabes quanto amo D. Isabel, e por amor della e de mim aceita este anel. »

Dizendo isto, D. Gastão metteu no dedo de Pedrillo um bello rubim; e o deixou sahír sem lhe dizer couza alguma.

No mesmo momento em que o joven amante era arrebatado de Saragoça, Isabel sahia tambem dessa cidade, acompanhada por seu pai, que a conduzio para o mesmo castello, em que mandara encarcerar D. Gastão. Elle a fez encarcerar n'uma das mais altas torres do castello, e deu-lhe uma velha para a servir. Da sua janella a menina via o jardim, e o filho do jardineiro, pobre rapaz, simples e doente, que com passos vacillantes regava os alegetes. Ella imaginou agitar o seu lenço, para attrahir a attenção do mancebo, o qual vio o signal ; mas, não tendo nem força, nem vontade para lhe responder, voltou a cabeça.

(Continua.)

VARIEDADES

O apostolado scientifico.

(Continuação do n. 9.)

Não serei eu por certo que vos hei de responder, perguntai ao cysne rei da poe-

sia, e esse mancebo poeta, esse Alvares de Azevedo responder-vos-ha como um propheta.

« Não é vossa ~~uma~~ missão politica— exactamente ao menos. Mas o que é a philosophia senão a luz, a luz que com o olhar de Deus se abre sobre o mundo inteiro? o que é a luz senão o progresso, o que é o progresso scientifico senão o progresso politico, o que é a causa sem o effeito, e o que é o progresso senão o sa-near da grande febre que afama a humanidade? »

Eis como exprime-se aquelle para quem Jorge Sand é um heróe e Bocage um seme-deus, eis como arenga aquelle, cujas phrases são as tumbas da eloquencia, por tanto sejamos os sacerdotes dessa nova crença ou antes continuemos a honrar as galerias do martyrio ; porque na expressão de Rebello da Silva, a historia da intelligencia e do progresso é a historia do martyrio; e portanto a gloria de ser uma raça inteira a acclamar o nome daquelle, que grangea nossos louvores, é muito mais grandiosa do que os triumphos que Roma concedia áquelles que havião em o furor destruidor, e em sua missão de algozes, derrubado reinos e saqueado cidades ; por isso abraçamos esse madeiro, que se chama a sciencia, e encaminhando-nos o seculo recebendo novas luzes, progredira á cada passo da sciencia, e nós cumprimos paulatinamente o encargo de apostolos da religião litteraria.

Erguer sua voz acima da orbita, que estipula um lugar a cada individuo, seria ousadia que o estacionalismo castigaria ; porém julgar-se-ha um desejo vehemettissimo de communicar aos seus iguaes aquillo que se acha recondito ; porisso Danthe Aligheri proscripto de Florença, só leva consigo os instrumentos que o tornavão saliente perante seus concidadãos : a espada que comprou as grinaldas de Campoldino e a penna sublime que concebêra tantas estrophes, e que reproduzira o pensamento ardente de ver no throno italico um descendente dos Cezares ; por isso Assian triplice retrato que accumula sob um ente triplice anadema de vate, rei e ancião, sentado sobre os sarcophagos dos reis de Monen seus pais;

contra as expedições dos Clares da Inistora e Tura, ou passeando pelas galerias desertas dos paços reaes de Selma, onde impera a solidão, canta como Homero as aventuras dos paladinos de Fingal e Oscar ; por isso o suicidio de Chatterton, o cadafalso de Chernier, e o amante de Leonor, o homem vate mesmo morto recebe das mãos da humanidade a corôa de louros nos cenaculos do capitolio, e o excellent Tasso ganhando, o renome, são os altos monumentos de que se esses homens não elevassem sua voz ficarião esquecidos no soido humano, e se alguns forão infelizes quem nelles padecen foi apenas o homem, e quem nelles eternisou-se foi o genio ; porém que importa o soffrimento e a cicatriz se mais ao longe encontra-se o prazer e o balsamo.

E' nas idéas que existe a base de todos esses theoremas, que se espargem diffusamente pela plenitude do globo. E' na moral que se basea o homem, é na religião, que fornece luz e progresso que se firma a sociedade ; pôde-se incontestavelmente affirmar que todo e qualquer edificio sem base, e que todo e qualquer facto sem o subjectivo, são novecentas chimeras, que não resistem ao historil hypercritico do racciocinio. Funde-se embora entre esses craneos escaldados essas utopias, que franqueando aos olhos attonitos do povo sáfaro esses esmaltados prados, onde só florescem esses vergeis alimentados pelo fogo do imaginar ; só patenteão illusões, espalhe-se que não é na religião que temos appoio, diga-se que a moral é um vicio ; porque encontrar-se-ha os varões os mais ardegos que proclamarão a verdade, e gladios sopezantes que despedaçarão a mentira.

MANOEL ANTONIO MAIOR.
(Continúa.)

Abandono, desesperação e terror de Néro.

Traduzido livremente do francez de Lagourée.

Meu throno jaz por terra, do Universo inteiro sou expellido, levando comigo por toda a parte o odio de todos os viventes... Se fosse possivel ignorar-se o lugar em que

me acoite, mas como poderei haver esta esperança? não ter por palácios, senão cavernas horrorosas, não possuir outra côrte que não seja o silencio do tumulto e ter sempre a vista o seu medonho espectro! Ah! este viver é horivel e igual ao passamento.

Onde me acho? não será tudo isto um sonho pavoroso.. mas não, não é sonho. Uma voz occulta diz incessantemente ao meu coração palpitante: assassino, perjuro... é verdade eu o sou...

Mas que gritos! que lugubres vozes!.. um suor frio parecido com o da morte percorre todas as minhas veias... Será engano meu? julgo estar vendo as minhas victimas... Sim, eu as vejo! Ei-las!... do fundo dos negros abysmos vomitam contra mim fantasmas sanguinolentas que penetram no interior de meu corpo archotes de envoltos com serpentes. Não posso subtrahir-me a esta cohorte furiosa... Parai. Que vejo, és tu, virtuosa Ocatavia? Volta-te contra Néro com justissimo sentimento: que vens annunciar-me? Ah! já sei... a minha morte! Tu decretas-m'a hoje, como eu t'a decretei outr'ora! Quem mais é que vejo? grandes Deoses! Agripinna! Todos os mortos sabem hoje dos sepulchros, clamando a uma voz assassino! assassino! que supplicio será comparado a este que soffro? Contra mim o mundo em peso grita vingança e o proprio tumulto quebra seu silencio! do seu seio surge uma voz lugubre que me chama. Não ha que duvidar, a morte, a morte que me aguarda! e como poderei suportar este terrivel transe.

JOSE ANTONIO FERNANDES DA FONSECA.

Peregrina (1)

(FOLHA SOLTA.)

Com a nuvem no céu se dispersa!
Assim tu, me fugistes oh! visão!

Talvez não penses, Peregrina, que nesse curto tracto da barca, que nos conduziu a Nitherohy; podesses com tua belleza, despertar em meu peito, um sen-

(1) Peregrina, assim chamo, a mulher a quem me dirijo.

timento, doce e profundo como o suave aroma da mimosa violeta!...

Talvez não penses, que esse sentimento leve e doce, como a suave brisa da tarde, em breve se tornou ardente, como o sol de primavera!...

Ah!... quanta dôr!... quanto tormento viestes despertar em meu coração!...

Peregrina, para que me apparestes, se jámais podias pertencer-me, por ventura, um peito de anjo, pôde occultar um coração de marmore?!

Para que não me embalastes, um momento sequer!... para que tão cedo rasgas-tes esse véo, que escondia a frieza de teu coração!... nem um leve sorriso, assomou a teus labios, para dar uma esperança a meu coração, que como o nauta, esperava ancioso, um só signal de approvação!...

Mulher formosa!... tua imagem gravou-se em minha mente, para não se apagar, senão quando o frio da morte, me arrastar ao tumulto!.....

Mas a lembrança de morrer sem possuirte, é bem cruel!...

Peregrina, quem és tu, que ousas desprezar um amor tão puro! que direito tens sobre mim, para roubar a tranquillidade de meu coração!... onde te escondes a meus olhos que procurão em tudo divisar tua imagem!... na mais leve bulha da subtil ave, no mais leve crepitar, da folha, que se desprende do ramo, eu estremeço, parecendo-me nelles ouvir tuas leves pisadas!...

Ah! não respondes, não tens um suspiro, para dar em troca, dos meus gemidos!... não tens sequer um olhar de desprezo, para lançal-o, ao triste que te adora, como adora a seus pais!...

Peregrina, perdoa ao triste!... não te offendas, com o delyrio de uma mente apaixonada, perdoa a quem te ousou amar, quando talvez, nem nelle, tivesses reparado:

Escuta mais um momento Peregrina, quando desembarcastes, e te sumistes, a meus olhos que só procuravão tua imagem! parecia-me ter perdido a razão; corri em tua procura, divaguei esquecido, que talvez já estivesse, a sombra do teu

lar, sem lembrares-te, daquelle que perguntava, a tudo que via, quem éras!... então sobresaltava-me, e perguntava a mim mesmo, se sonhava!...

A' realidade Peregrina, devia apparecer para cumulo de meu tormento; as obrigações chamavão-me ao dever, forçoso era voltar: assim o fiz.

Sabes quanto tenho soffrido, desde esse momento, que como uma visão desapareces-tes a meus olhos?... tenho soffrido muito Peregrina!.. em tudo procuro divisar tua imagem, debil e pallida, como a flôr que solitaria, fenece, erma, n'um sombrio deserto!...

Peregrina, lançaí ao menos, um olhar indifferente sobre estas palavras, que são os gemidos de minha alma!

T. LEONARDO.

CHRONICA THEATRAL

A sociedade *Recreio Artístico* deu a sua primeira recita no theatro de S. Januario no dia 22 do corrente, levando á scena o drama *Pedro Landais ou o alfaiate ministro*, a scena comica *Viva o circo Grande Oceano* e a comedia *Por causa de um algarismo*.

A's oito horas foi levantado o panno: os camarotes forão todos occupados por familias honestas, aonde se vião elegantes damas vestidas com esmero, e muitas notaveis por sua belleza, que muita honra fazião á sociedade; esta de sua parte esmerou-se pelo-brilhanismo e boa ordem que reinou em todo o espectaculo.

Emquanto ao desempenho do drama, quizerão-nos fazer acreditar que não vamos para a estação calmosa, menos o Sr. Loureiro que fez a parte de *mestre Cosquer*, porque no prologo appareceu com os pés descalços, o que talvez o levasse a cahir mais no agrado dos espectadores.

Os Srs. Martins, Gomes, Pitta e Terço andarão com alguma animação, e attendendo ser a primeira vez que representarão, andarão soffrivelmente.

Por diversas vezes os Srs. Martins, Gomes, Loureiro, e a Sra. D. Josephina foram applaudidos. Desempenharão as partes conforme as suas forças, apazar de que o drama não apresentou o aparato que era de esperar, o que nos levou a acreditar que terião outra ovação se a escolha do drama fosse melhor.

O Sr. Eugenio na scena comica *Viva o circo Grande Oceano*, andou magnificamente, o rival do nosso actor Vasques foi applaudido com enthusiasmo geral, e chamado mais que uma vez á scena. As ovações que lhe prodigalisarão forão sinceras e elle se tornou digno e merecedor dellas.

Na comedia, o Sr. Loureiro principiou bem, porém acabou exagerando muito o seu papel, todas as mais partes forão bem desempenhadas, e folgamos de ver na Sra. D. Candida o interesse que toma pelo seu adiantamento na arte dramatica, do que deu prova no bom desempenho do papel que lhe tocou.

Desejamos do intimo d'alma, o adiantamento desta nascente sociedade, para cujo engrandecimento e prosperidade não cessou de trabalhar o seu muito digno presidente o Illm. Sr. Ramos.

POESIAS

Quem és tu.

Ao Illm. Sr. F. Leonardo.

Quem és tu que tambem como eu
Procuras-te no mundo um amor ? !
Quem és tu que libaste a taça,
Que continha o veneno e a dôr ? !

Quem és tu que comigo lamentas
Esta sorte mesquinha e cruel ? !
Quem és tu que sonhavas venturas
No correr de uma vida de fel ? !

Quem és tu oh ! gentil trovador
Que um anjo trahio-te bem cedo ? !
Quem és que suspiras, e choras
Como eu em profundo segredo ? !

Quem és tu que tu'alma entregas-te
A um anjo, demonio, ou mulher ? !
Quem és tu que perdes-te as crencas
Que nenhuma te resta sequer ?

Quem és tu qui'nda hoje te lembras
Desse ente que a fô te roubou ? !
Quem és tu que bradas-te—piedade,
E no mundo ninguém te escutou ? !

Quem és tu ? infeliz, como eu !
Como eu que só vivo a penar !
Com eu tu esperas a campã
Para nella esta dôr abafar ? !

Como eu, nada esperas no mundo
Que fazemos nós ainbos aqui ? !
Neste mundo vida me atterra
Venha a morte, demais já vivi ! !

JOSEPHINA R. L. PITANGA.

Agora.

Por que quando fallei-te
Desta chamma que sentias,
Tu virando o lindo rosto
Só sorrias ?

Porque naquella tarde
Quando a flôr deite sentido,
Tu pulando encantadora
Não deste-me ouvido ?

Por que quando sentado
Lá na frondosa mangueira,
Eu pegando em tua mão
Tu fugistes faceira ?

Lembra quando contigo
Fallava daquelle sonho,
E tu, meu anjo, mudastes
O teu rosto risonho ?

Quantas vezes do jambeiro
A' sombra, triste chorei !
E nem dos plumeos cantores
Uma saudade achei.

E nem as montanhas despidas.
Em que chorei triste orfandade ?
E nem os pampeiros do sul
Te levarão agra saudade ?

Deixei os festins, as gallas,
Noites de estrellas serenas ;
E para que tanto soffri
Se a vida é sopro apenas ?

Foi por ti, foi só por ti
Que eu senti tanto fervor,
E nem um só tu me destes
Em troca de tanto amor.

Porque quando fallei-te
D'esta chamma que sentias
Tu virando o lindo rosto
Só sorrias ?

Triste já vens abatida
Qual flôr que cedo murchou ;
Agora já tens saudades
Do tempo que já passou ?

Agora nem uma endeixa,
Nem ouvirei uma queixa
De saudade ou desvário ;
E' pena que eu já sentisse,
Tanta saudade nutrisse
Em troca d'amor tardio.

Agora despresado hei,
As chammãs que te votei,
Não lhes darei mais ouvidos
Os tempos já se passarão,
As flôres no chão seccarão,
Já d'amar durmo exauido.

Agora só espero o leito,
Onde já meu frio peito
Vá pôr termo ao seu soffrer ;
O que espera um triste ente,
Que andou no mundo descrente ?
Assim descrente morrer.

CARLOS DE GUSMÃO.

Charada.

Sou astro por Deos criado
No gamão sou encontrado
CONCEITO.

Na paz e na guerra
Serei sempre encontrado,
Buscando defender
O que foi por mim jurado.

R. SENAGO.

Anecdota.

Certo peralvilho muito encaracolado tinha por costume, quando se ia deitar, pôr em sua frente um toucador: perguntando-lhe um amigo porque o fazia, respondeu ingenuamente: *Foi para ver a minha cara quando estivesse dormindo.*

Typ. e Lit. Economica, rua dos Lateiros n. 34.